

AMILTON REIS

# FONOLOGIA DIACRÔNICA DO MANDARIM: A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA PORTUGUESA DE VIAGENS

## DIACHRONIC CHINESE PHONOLOGY: SOME CLUES FROM PORTUGUESE TRAVEL LITERATURE

**PALAVRAS-CHAVE:**

fonologia  
histórica; chinês  
mandarim;  
literatura  
portuguesa de  
viagens

**KEYWORDS:**

Historical  
phonology;  
Mandarin  
Chinese;  
Portuguese  
travel literature

**RESUMO**

O estudo diacrônico da fonologia chinesa requer o cotejo de dados de múltiplas fontes. Na reconstrução do *guanhua* 官話 dos períodos Ming e Qing, as descrições feitas por gramáticos estrangeiros entre os séculos XVI e XVIII têm sido instrumentais. Esse, contudo, não é o único recurso: a literatura portuguesa de viagens pode trazer mais elementos para essa discussão.

**ABSTRACT**

The diachronic study of Chinese phonology requires comparing data from multiple sources. Descriptions made by foreign grammarians from 16th to 18th centuries have been instrumental the reconstruction of Ming-Qing *guanhua* 官話. This, however, is not the only resource: Portuguese travel literature can also make a contribution to this field of studies.

Reconstruir a fonologia de sincronias pretéritas da língua chinesa é sempre um desafio. Os vagos indicadores fonéticos incorporados à escrita logográfica não fornecem elementos suficientes para uma reconstituição fonética precisa. As antigas tábuas de rimas, organizadas de acordo com as normas de pronúncia da época e do local em que foram produzidas, tampouco são transparentes. A depender da sincronia em estudo, o trabalho de reconstrução pode apoiar-se no cotejo de dados externos à língua, como as pronúncias sinoxênicas em coreano, japonês e vietnamita ou os vocábulos chineses transcritos, por exemplo, em textos persas, mongóis e manchus, em que pesem as mudanças diacrônicas ocorridas também nessas línguas e as limitações inerentes a cada sistema de escrita na representação de fonemas não nativos.

No que concerne ao mandarim dos séculos XVI a XVIII, existem dados abundantes em fontes europeias que, considerados em conjunto, possibilitam uma reconstrução fonológica de razoável precisão. Essas fontes dividem-se principalmente em dois tipos de textos: as descrições da língua e as descrições da terra. As primeiras descrições europeias da língua são obras de missionários enviados ao Extremo Oriente com a tarefa de aprender o bastante para poder pregar aos chineses em chinês. Esses religiosos produziram dicionários, gramáticas e cartilhas, além das primeiras romanizações do “dialecto mandarino”, ou *guanhua* 官話, a língua franca da administração imperial. O sistema fonológico descrito nesses documentos corresponde à pronúncia nanquinesa, que, em virtude do enorme prestígio cultural da antiga capital do Sul, continuou servindo de modelo linguístico para as classes letradas de todo o país mesmo após a transferência da sede do poder político para Pequim em 1421 (COBLIN, 1997: 286). Graças às romanizações sistematizadas, os textos daqueles estudiosos europeus são valiosos por indicar a antiga pronúncia com particular clareza.

As descrições da terra, por outro lado, encontram-se em crônicas de viagem e relatórios sobre a China que vieram à luz com as navegações no Extremo Oriente desde o início do século XVI. Esses textos contêm numerosos termos chineses usados para apresentar o país, sua geografia e seu sistema político e social. Diferentemente das obras de referência para o estudo da língua chinesa, esses relatos não eram escritos com a preocupação de sistematizar as transcrições e, por isso mesmo, caracterizam-se por uma grande oscilação na grafia dos estrangeirismos, ora aproximada da pronúncia vernácula, ora adaptada para diminuir o estranhamento do público leitor. Como observa o orientalista Sebastião Dalgado:

Sabiam muito bem os nossos escritores que diversas línguas vernáculas, mormente as monossilábicas, tinham mais fonemas, sons aspirados, letras dobradas sonantes, tons ou modulações de voz os quais não podiam, em geral, enunciar e reproduzir na escrita, e, se o pudessem, não seriam entendidos. [...] Fernão Mendes ouvira, mais e melhor do que os viajantes modernos, os japoneses dizerem *kimonó*; como porém não escrevia para japôes, mas para portugueses, e não queria passar por tolo (que o tachariam de mentiroso, já o previa), ortografou quimão; e quimão é a verdadeira representação nacional de *kimonó*, que, por mais que se repita, será sempre vocábulo estrangeiro. (DALGADO, 1919: XXVI)<sup>1</sup>

Além do registro histórico, portanto, as antigas crônicas de viagem trazem subsídios para a reconstrução fonológica, seja por corroborar a descrição dos estudiosos coetâneos, seja por conservar vestígios de pronúncias vernáculas divergentes. Entretanto, o tratamento do material linguístico de origem estrangeira colhido nesses documentos deve levar em conta as diversas formas de acomodação

<sup>1</sup> Os trechos da literatura portuguesa de viagens usados como exemplos neste artigo foram extraídos do *Glossário luso-asiático* de Sebastião Dalgado. Como referência para o leitor, indico o ano da primeira publicação, grifo os termos chineses e acrescento os respectivos caracteres e a pronúncia reconstruída (assinalada com asterisco) com base em Coblin (1997, 1998, 2000).

gráfica a que o vocábulo podia ser submetido antes de se materializar no papel.

A acomodação mais comum era a aproximação fonética. Na transcrição das consoantes iniciais, por exemplo, desprezavam-se os traços fonéticos sem valor distintivo em português. Esses fonemas faziam-se representar por alguma letra que remetesse a um som razoavelmente próximo. No texto a seguir, excerto de um documento do século XVIII, não se marca a oposição entre aspiradas e não aspiradas:

1729 — Primeiramente postos todos de pé [...] com as mãos estendidas ao natural se ouvia huma voz **Kuey** 跪 \*/kuɛi/ com que ajoelhávamos [...] passado algum tempo se ouvia outra voz **Koteu** 磕頭 \*/kʰɔʔ tʰɛu/ com que tocávamos a terra com ambas as mãos, e juntamente com a cabeça [...] logo que se ouvia outra voz **Kilay** 起來 \*/kʰɿ lai/ com que nos levantávamos, e púnhamos de pé como no principio. (DALGADO, 1919: 316)

A transcrição de *qi* 起 como “Ki” é um indício de que, na data da produção do texto, a pronúncia canônica era \*/kʰi/ e não /tɕʰi/. Em outras palavras, o trecho acima é um testemunho de que, até o século XVIII, não era norma no *guanhua* 官話 a palatalização das velares \*/k, kʰ, x/ em /tɕ, tɕʰ, ɕ/ antes das vogais altas anteriores /i, y/, como se observa no mandarim padrão moderno. Essa palatalização, predominante a partir da segunda metade do século XIX, atingiu também as iniciais \*/ts, tsʰ, s/ antes das vogais altas anteriores. Nesse contexto fônico, em suma, a palatalização ocasionou a fusão de dois conjuntos de iniciais do *guanhua* 官話 (\*/k, kʰ, x/ e \*/ts, tsʰ, s/) em apenas um conjunto no mandarim moderno (/tɕ, tɕʰ, ɕ/), como ilustra o exemplo abaixo:

近	*kinʔ	}	tɕinʔ
進	*tsinʔ		
輕	*kʰiŋʔ	}	tɕʰiŋʔ
清	*tsʰiŋʔ		
孝	*hiauʔ	}	ɕiauʔ
笑	*siauʔ		

Autores diferentes podiam divergir quanto às letras mais adequadas para representar certos sons, e um mesmo autor podia hesitar entre uma e outra solução. Com isso, um mesmo fonema podia ser grafado de formas diferentes. O exemplo abaixo mostra as transcrições de um mesmo vocábulo em épocas diferentes:

1679 — Às vezes sucede a hum Vice-Rey de três ou quatro Provincias, este se chama **Te Sun To** 總督 \*/tsʊŋʔ toʔ/

1729 — Nesta cidade de Nankin existe o **Çuntô**, 總督 \*/tsʊŋʔ toʔ/ que governa toda a província.

1895 — A administração destas províncias está confiada aos governadores geraes ou vice-reis (**tsung tu**) 總督 /tsʊŋʔ tu/ (DALGADO, 1921: 329)

A grafia “Çuntô” no exemplo acima documenta o uso da letra <ç> para

<sup>2</sup> Impressa em 1703 em edição póstuma, a *Arte de la lengua mandarina* de Francisco Varo foi, ao que se sabe, a primeira gramática de língua chinesa publicada em forma de livro. As gramáticas mais antigas circulavam em cópias manuscritas e nem todas chegaram aos nossos dias (COBLIN e LEVI, 2000: X).

transcrever o fonema \*/ts/ em vocábulos chineses no século XVIII. De fato, essa era uma solução recorrente já desde os primeiros sistemas de romanização do século XVI. Não se tratava, contudo, de uma convenção universal nem mesmo entre os escritores lusófonos: o autor do texto de 1679, por exemplo, opta por dividir \*/tsun/ em duas sílabas, “te sun”, talvez por acreditar que facilitasse a leitura. Já o texto de 1895, publicado numa revista de estudos chineses, não só transcreve a inicial da mesma forma que o fazemos na notação fonética moderna, com <ts>, como também adota o dígrafo <ng> para representar /ŋ/, um ajuste de precisão amiúde ignorado em documentos mais antigos. Esse trecho atesta, ainda, que, no final do século XIX, o mandarim de Pequim já havia suplantado definitivamente o de Nanquim como variante de prestígio e a pronúncia canônica já se aproximava do padrão moderno. No exemplo escolhido, a diferença mais visível entre os padrões nanquinês e pequinês – além dos contornos tonais – está no apagamento da oclusiva glotal \*/ʔ/. Resquício das antigas finais \*/p, t, k/ do chinês medieval (que ainda se conservam em certos dialetos), a oclusiva glotal no *guanhua* 官話 estava associada ao 5º tom, ou *ru sheng* 入聲, que se pronunciava, como descrevia o dominicano Francisco Varo em 1682<sup>2</sup>, “*cortando la voz a lo ultimo*”, i.e. cortando a voz ao final [da sílaba] (VARO, F. apud COBLIN e LEVI, 2000: 36). O mandarim moderno não conservou nem o final abrupto, nem o tom a ele associado, e redistribuiu aleatoriamente pelas outras quatro categorias tonais as sílabas antes pronunciadas com *ru sheng* 入聲:

百 “cem”	*/pɛ²˥/ > /pai˥˩/
黑 “preto”	*/xɛ²˥/ > /xei˥˩/
曲 “melodia”	*/kʰio²˥/ > /tɕʰy˥˩/
讀 “ler”	*/to²˥/ > /tu˥˩/
學 “aprender”	*/xiɔ²˥/ > /ɕye˥˩/

Outra forma de acomodação bastante recorrente era o aportuguesamento, em que os vocábulos de origem chinesa podiam sofrer adaptações ortográficas e morfológicas. Assim surgiram, por exemplo, “chávena” de \*/tɕʰa˥˩ wan˥˩/ (*chawan* 茶碗, tigela de chá) através do malaio /tʃawan/; “cheno” de \*/tɕʰɛŋ˥˩/ (*cheng* 城, muros da cidade e, por extensão, aglomeração urbana) e “tutão” de \*/tu˥˩ tʰaŋ˥˩/ (*dutang* 都堂, governador-geral):

1534 — Tutão 都堂 \*/tu˥˩ tʰaŋ˥˩/, Compim 總兵 \*/tsuŋ˥˩ piŋ˥˩/ e Comquõ 總管 \*/tsuŋ˥˩ kuon˥˩/ são tres pessoas que tem carrego desta gouernança (DALGADO, 1919: 301)

O exemplo acima traz um caso peculiar: a perda do cedilha em posição inicial por adequação às normas ortográficas. Já vimos acima que o <ç> era comumente usado para transcrever o fonema /ts/, mas, como observa Dalgado (1919: XXVIII) acerca das transcrições portuguesas, “em algumas edições antigas se suprime a cedilha inicial, e algumas palavras vêm erradas, por falta de revisão cuidada ou falha na cópia”. Como resultado, encontram-se com certa frequência palavras como *compim*, a partir de \*çompim, transcrição de \*/tsuŋ˥˩ piŋ˥˩/ (*zongbing* 總兵, comandante militar) e *comquõ*, ou seja,

\**çomquõ*, transcrição de \*/tsuŋɿ kuɔnɿ/ (*zongguan* 總管, administrador-geral).

A transcrição de *guan* 管 por “quõ” não é fortuita. Conforme observa Coblin (1997: 287), o *guanhua* 官話 no período Ming fazia distinção entre as rimas \*/uɔn/, \*/uɛn/ e \*/uan/, no mandarim moderno, as três fundiram-se em /uan/:

官 “funcionário”	*/kuɔnɿ/ > /kuanɿ/
船 “barco”	*/tʂʰuɛnɿ/ > /tʂʰuanɿ/
關 “fechar”	*/kuanɿ/ > /kuanɿ/

Esse é um indício de que, com exceção de certos fonemas desafiadores para a ortografia portuguesa, as vogais podiam ser grafadas com relativa transparência. Ainda que algumas grafias causem estranhamento a quem é familiarizado com o mandarim de hoje, os textos antigos documentam a pronúncia da época em que foram produzidos. Vejam-se os seguintes exemplos:

1679 — E as Provincias em estados menores que chamarão  
**Coe** 國 \*/kuɛ²ɿ/, id est Reyno, ou **Cheu** 州 \*/tʂɛuɿ/ [...]  
(DALGADO, 1919: 272)

1729 — Nesta cidade se achava o **Cum hó** 總河 \*/tsuŋɿ xɔɿ/,  
que he hum grande Mandarim que governa os rios, e os andava  
naquelle tempo visitando (DALGADO, 1919: 334)

1729 — Respondeu que tinha hido a Cantão [...] perguntar ao  
**Tagin** 大人 \*/taɿ zɿnɿ/, ou ministro de Comissão do Imperador,  
pela saúde deste (DALGADO, 1921: 337)

A pronúncia das vogais finais nas palavras grifadas diverge da moderna, mas corresponde ao *guanhua* 官話 daquela sincronia. O quadro abaixo compara os dois padrões:

國 “reino”		*/kuɛ²ɿ/ > /kuɔɿ/
州 administrativa”	“divisão	*/tʂɛuɿ/ > /tʂouɿ/
總河 “intendente dos rios”		*/tsuŋɿ xɔɿ/ > /tsuŋɿ xəɿ/
大人 “alto funcionário”		*/taɿ zɿnɿ/ > /taɿ zənɿ/

A pronúncia padrão, no entanto, não era a única a ser registrada nos textos. Não se pode esquecer que os interlocutores chineses daqueles cronistas tanto podiam falar um mandarim “da corte”, como – mais comumente – um mandarim com um marcado sotaque regional, ou um dialeto local. À margem da esfera pública, administrativa ou letrada, os dialetos locais eram o meio de expressão cotidiano da grande maioria da população. Dois dialetos, em particular, tiveram maior participação nos contatos linguísticos luso-chineses: o *hokkien* da costa de Fujian e o cantonês. Por isso, não raro é possível identificar vestígios de influência dialetal – especialmente do cantonês, pela

presença multisseular dos portugueses em Macau – como no exemplo abaixo:

1552 — El Rey da China [...] na justiça que he mór officio do reyno, tem três homens grandes letrados que se chamão **colous** 閣老 /kɔ:k̄l loul/

1611 — Se foi primeiro ao **Coláo** 閣老 \*/kɔ?l lau/ , Mandarim o maior da Corte, que he conselheiro del Rey (DALGADO, 1919: 296)

Nesses dois trechos, autores de épocas diferentes trazem o mesmo vocábulo, um com a pronúncia do cantonês acrescida do plural português, colous, outro calcado no *guanhua* 官話, coláo:

閣老 “ministro, alto funcionário” *guanhua* \*/kɔ?l lau/ / ≈ cant. / kɔ:k̄l loul/

Como vimos, ao preservar termos herdados dos contatos linguísticos luso-chineses, a literatura portuguesa de viagens soma ao cabedal de dados históricos, geográficos e etnográficos um verdadeiro tesouro para a linguística diacrônica. Filtradas as eventuais acomodações fonéticas e ortográficas a que esses vocábulos foram submetidos, pode-se encontrar neles um testemunho importante da língua falada na época das crônicas de viagem. Por tudo isso, o conjunto dos textos informativos sobre a China em língua portuguesa produzidos desde o século XVI também pode contribuir para o estudo da fonologia histórica do mandarim.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COBLIN, W. South. Notes on the sound system of Late Ming Guanhua. **Monumenta Serica: Journal of Oriental Studies**. Monumenta Serica Institute, v. 45, pp. 261-307, 1997.

\_\_\_\_\_. Francisco Varo and the sound system of Early Qing Mandarin. **Journal of the American Oriental Society**. University of Michigan, v. 118, n. 2, pp. 262-267, abr./ jun. 1998.

\_\_\_\_\_. A brief history of Mandarin. **Journal of the American Oriental Society**. University of Michigan, v. 120, n. 4, pp. 537-552, out./dez. 2000.

COBLIN, W. South; LEVI, Joseph A. **Francisco Varo's grammar of the Mandarin language (1703): An English translation of 'Arte de la lengua mandarina'**. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2000.

DALGADO, Sebastião R. **Glossário luso-asiático**. Vol. I. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1919.

\_\_\_\_\_. **Glossário luso-asiático**. Vol. II. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921.

**AMILTON REIS** Mestre em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo e tradutor literário chinês-português, desenvolveu pesquisa sobre os vocábulos chineses presentes na literatura portuguesa de viagens dos séculos XVI a XIX, revisando e atualizando as etimologias propostas no *Glossário luso-asiático* de Sebastião Dalgado (1919) – [amilton.reis@gmail.com](mailto:amilton.reis@gmail.com)